

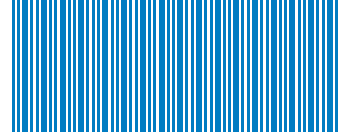
Editorial Veras jun/dez 2015

O que se espera da Educação Infantil? Como torná-la uma experiência estimulante para nossas crianças, fomentando a curiosidade natural do ser humano nessa fase de seu desenvolvimento? Como deve ser o currículo dessa porta de entrada no ambiente escolar? Perguntas como essas reverberam em todos os artigos – e também na entrevista – desta edição temática da Revista *Veras*, inteiramente dedicada a debater diversos aspectos da Educação Infantil.

Começamos por apresentar nossa entrevistada, Marli André, professora titular aposentada da Faculdade de Educação da USP e coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores da PUC-SP, que comenta, entre outros temas relacionados à formação docente, a necessidade de permanência do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), um programa do Ministério da Educação criado em 2007 que oferece apoio pedagógico e financeiro a estudantes dos últimos anos das licenciaturas. Mais do que isso: defende sua transformação em um programa permanente de apoio ao início da docência, lembrando que essa sugestão partiu de outro entusiasta do Pibid, o educador português António Nóvoa.

Outra discussão atualíssima na área educacional diz respeito à criação de uma Base Nacional para a Educação Infantil que consiga contemplar a necessidade de se garantir certa uniformidade nos conteúdos curriculares propostos nas escolas do país, sem abrir mão das especificidades regionais, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases. É sobre a natureza peculiar da Educação Infantil, cujo currículo não pode ser visto como uma mera lista de conteúdos, que se debruça a pesquisadora Zilma de Moraes Ramos de Oliveira no artigo *Base Nacional Comum para a Educação Infantil: um tema em debate*.

Na mesma linha de análise do que é característico dessa etapa da Educação Básica, o artigo de José Cavalhero, *Uma Educação Infantil por inventar*, vê a escola como o local onde a experiência dialógica acontece não apenas por meio do diálogo, mas, muitas vezes, por meio do conflito. Cabe ao professor,

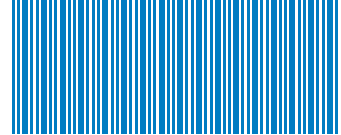


além de exercer um papel de coconstrutor dos processos de aprendizagem no sentido mais amplo da palavra, saber lidar com a singularidade de cada aluno.

E as vontades das crianças? Até que ponto são e podem ser respeitadas? Partindo da notícia de uma manifestação de crianças quenianas ocorrida em 2015 em protesto pela transformação de um playground em estacionamento, Tássio José da Silva, em seu artigo *Queremos o nosso playground*, se debruça sobre a situação singular da infância como categoria geracional e sobre o reconhecimento das crianças como atores sociais para analisar os alcances e limitações das políticas voltadas a elas, que atualmente representam a terça parte da população mundial.

A natureza interdisciplinar inerente à Educação Infantil, tão presente nas Diretrizes Curriculares para essa faixa de ensino que inspiraram a atual proposta de Base Nacional em debate público, também transparece em dois relatos de experiência. O primeiro, *Projetos integrados na Educação Infantil: interlaçando saberes*, de Adriana Miritello Terahata e Leila Monteiro, relata o processo de criação coletiva de um gigantesco “travesseirão” feito de jornal e fita adesiva, que, sendo ele próprio uma instalação artística, serviu como fio condutor de um projeto pedagógico de música, contação de história e teatro de sombras. Outro relato de experiência desta edição é o narrado por Damaris Gomes Maranhão, *Observar as crianças para integrar saúde e educação*, no qual um grupo de enfermeiras realizou trabalhos presenciais em cinco creches de São Paulo, apresentando aos profissionais técnicas para banho, troca de fraldas e higiene corporal. Por meio da gravação autorizada de vídeos, a autora relata a forma como outros aspectos importantes da relação entre a criança e seus cuidadores, como os gestos de aproximação e carinho, ficaram mais evidentes a partir da análise coletiva do material gravado por parte de educadores e profissionais da área da saúde.

Fruto de uma pesquisa que resultou em tese de doutoramento, o artigo *Educação Infantil e avaliação escolar: experiências das crianças com a linguagem*, de Renata Weffort, analisou a avaliação em quatro salas de aula de Educação Infantil de duas escolas de São Paulo, uma pública, outra privada. Dentre as conclusões apresentadas pela autora está o viés escolarizante que essa etapa de ensino adquiriu na maioria das instituições, mesmo em turmas com idade de 5 anos, como nesse caso,



com atividades de escrita se impondo a outras atividades lúdicas essenciais, como brincadeiras e audição de histórias. Em relação a essa última atividade, a pesquisa também constatou seu caráter secundário no cotidiano escolar, com atividades calcadas na estereotipia.

A contribuição de Joyce M. Rosset, Maria Angela Rizzi e Maria Helena Webster, o artigo *O mérito dos dados estatísticos digitais em revelar buscas e interesses de professores da Educação Infantil: qualificação das práticas no diálogo em plataformas digitais*, analisou os dados de um blog voltado à Educação Infantil para investigar os temas mais procurados pelos internautas. Buscas por modelos de planejamento pedagógico e orientações sobre como fazer o registro pedagógico foram as mais frequentes, revelou a apuração.

Encerramos esta edição temática com teatro e contação de histórias, duas atividades muito presentes nas creches e escolas de Educação Infantil. Em *A contribuição do teatro para o desenvolvimento da comunicação e da criatividade na Educação Infantil*, a professora de teatro Elaine Lavezzo reflete acerca das possibilidades que a dramaturgia e exercícios de atuação, como o role-playing, oferecem para o desenvolvimento da capacidade da criança de se comunicar. Por fim, *Livro-imagem: o trabalho realizado numa sala de aula de Educação Infantil*, de Renata Bozola, relata uma experiência de contação de história feita em uma escola particular bilíngue de São Paulo a partir de três livros-imagem de Suzy Lee, mostrando as reações da turma de alunos diante da falta de palavras da narrativa e do silêncio da professora. A partir de um formato aberto de proposta literária como é a dos livros-imagem, na qual o leitor participa ativamente na interpretação da narrativa, o espanto inicial deu lugar à intensa participação por parte das crianças, que se sentiram motivadas a criar, elas próprias, narrativas orais e versões alternativas aos livros lidos pela professora.

Boa leitura!

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz

Ricardo Prado e Renata Lopes Costa Prado, editores da Revista *Veras*

